



IRMÃS, MODELO DE RELAÇÃO NO MOVIMENTO DE JESUS: UMA COMPARAÇÃO SINÓTICA À LUZ DA HERMENÊUTICA FEMINISTA

Taiana Luisa Wisch¹

Resumo: O presente trabalho faz parte da pesquisa de Pós-Doutorado da Dra. Carolina Bezerra de Souza intitulada 'Polifonia e dialogismo nos discursos sobre mulheres no novo testamento: estudo comparativo a partir do Evangelho de Marcos' coordenado pelo Prof. Dr. Flávio Schmitt. Mateus, Marcos e Lucas são considerados os evangelhos sinóticos por possuírem grande semelhança entre os textos e expressões, sabendo que o evangelho de Marcos foi o primeiro escrito, é possível que os outros dois utilizaram o primeiro como base, deste modo, consegue-se perceber as alterações que os evangelistas incluíram, ou não, em seus escritos. Através da análise narrativa e da pesquisa bibliográfica, é perceptível que nos escritos de Mateus e Lucas a atuação feminina é amenizada e, em muitos casos, chega a ser omitida, comprovando que houve uma opção em esconder o lugar que as mulheres ocupavam. Na passagem de Mc 3.31-35 Jesus incluiu as mulheres e apresenta uma nova proposta de relações familiares onde todas as pessoas são iguais e não há mais submissão.

Palavras-chave: Hermenêutica feminista. Relações. Análise de Narrativas.

Abstract: The present work is part of the postdoctoral research of Dr. Carolina Bezerra de Souza entitled 'Polyphony and dialogism in discourses about women in the New Testament: a comparative study from the Gospel of Mark' coordinated by Prof. Dr. Flavio Schmitt. Matthew, Mark and Luke are considered the synoptic gospels because they have a great similarity between the texts and expressions, knowing that the gospel of Mark was the first written, it is possible that the other two used the first as a basis, so you can see the changes that evangelists have included, or not, in their writings. Through

¹ Graduanda no curso Bacharelado em Teologia pela Faculdades EST. Bolsista FAPERGS. Contato: taiana.luisaa@gmail.com

narrative analysis and bibliographical research, it is noticeable that in the writings of Matthew and Luke the female performance is softened and, in many cases, even omitted, proving that there was an option to hide the place that women occupied. In Mark 3: 31-35 Jesus included women and presents a new proposal for family relationships where all people are equal and there is no more submission.

Keywords: Feminist hermeneutics. Relations. Narrative Analysis.

INTRODUÇÃO

O texto a seguir é o resultado da Monografia Supervisionada do curso Bacharelado em Teologia e fruto da pesquisa realizada por esta autora como bolsista de iniciação científica e integra o projeto de pesquisa de Pós-Doutorado da Dra. Carolina Bezerra de Souza intitulado 'Polifonia e dialogismo nos discursos sobre mulheres no novo testamento: estudo comparativo a partir do Evangelho de Marcos', coordenado pelo professor Dr. Flávio Schmitt.

HERMENÊUTICA

Segundo Palmer, hermenêutica “é o estudo da compreensão, é essencialmente a tarefa de compreender textos”². Termo derivado do grego que possui o breve significado de ‘interpretar’ e o faz através da linguagem, já que essa desempenha um papel flexível e de alto poder comunicativo entre as pessoas.

A hermenêutica feminista teve seu início com Elisabeth Cady Stanton ainda no século XIX. Ela era filha de um juiz e presenciou, na infância, diversos casos jurídicos matrimoniais em que a Bíblia acabava sendo usada como fonte para justificar e legitimar diversas resoluções que oprimiam e submetiam as mulheres.³ Quando adulta, foi impedida de participar de um encontro religioso com o argumento de que a Bíblia determinava a submissão e silenciamento das mulheres desde Eva.

A partir disso, Elisabeth teve a ideia de reunir mulheres da academia e religiosas para traduzir os manuscritos e ressignificar diversas passagens

² PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986. p.19

³ DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992. p. 5

bíblicas para que outras mulheres percebessem, que tudo aquilo que elas ouviam nas igrejas poderia não ser, afinal, a única vontade de Deus, mas para isso, elas teriam que começar a olhar a Bíblia não como a palavra de Deus na terra, mas sim, como um livro escrito por homens, que ouviram histórias contadas por outros homens, em um determinado contexto sobre um Deus, que na percepção deles, era um homem também.⁴

Elisabeth e as mulheres iniciaram o processo de escrita comprando várias bíblias e recortando os trechos que falavam especificamente das mulheres, em seguida, elas colavam em uma folha e logo abaixo escreviam um breve comentário. Os comentários eram simples e em linguagem acessível para que fosse um livro para todas as mulheres independente de sua formação acadêmica, ou a falta dela.⁵

Desse processo de vivência, estudo e trabalho destacamos algumas implicações hermenêuticas relevantes ainda hoje: a) a Bíblia não é um livro neutro, mas foi usada como arma política e ideológica contra as mulheres na sua luta por igualdade; b) a Bíblia foi escrita por homens e carrega consigo marcas de tais homens que apenas alegam ter recebido revelações de Deus; c) a Bíblia foi usada pelos poderosos em favor da escravidão, da pena de morte e da subjugação das mulheres, funcionando, assim, como uma legitimação do patriarcado social e eclesiástico; d) a análise dos textos deve pressupor um estudo de experiências de vida, no caso, que partem de mulheres dentro de relações socialmente construídas.⁶

Os questionamentos eram direcionados ao clero e o porquê deste insistir em não cumprir o que a Bíblia dizia⁷ e mesmo sendo muito julgada, a Bíblia das mulheres foi traduzida e vendida em grande quantidade. Elisabeth percebeu, falou e publicou sobre como era inteligente e estratégico o que a Igreja fazia: ela utilizava da Bíblia, a “palavra de Deus” para dominar e submeter a mulher, impedindo-as, inclusive, de ler a Bíblia para tirar as suas próprias conclusões, e as mulheres, muitas vezes por medo, aceitavam e sucumbiam-se a isso. Partindo do pressuposto de que não foi Deus quem escreveu a Bíblia, homem nenhum poderia afirmar que a vontade de Deus era

⁴ DEIFELT, 1992, p. 6

⁵ DEIFELT, 1992, p. 7-8

⁶ RICHTER REIMER, Ivoni Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista. São Paulo, SP: Paulinas, 2005. p. 23

⁷ DEIFELT, 1992, p. 8

a submissão das mulheres e essa compreensão é um dos grandes conhecimentos deixados pela autora.⁸

A partir desse método, que foi revolucionário para a teologia feminista, será feita a análise bíblica com o objetivo de perceber e apontar as alterações feitas nos Evangelhos e como elas impactam na exegese bíblica e, também, na sociedade atual.

COMPARAÇÃO SINÓTICA E ANÁLISE DAS NARRATIVAS

O termo 'evangelho' significa 'boa notícia' ou 'boa nova', esse emprego linguístico se encontra no novo testamento, pois significa a notícia salvadora, primeiramente oral. Como conceito teórico da literatura 'evangelho' não define nenhum gênero literário específico por ser fruto de um anúncio oral, mas ao que mais se associa elementos seria o gênero biográfico, portanto, deve ser assumido no sentido antigo (bios = vida) por se tratar da vida de Jesus.⁹

Os Evangelhos segundo Mateus, Marcos e Lucas chamam-se sinóticos porque podem ser vistos em conjunto por que possuem em comum grande parte das narrativas, seja um mesmo enfoque global, uma passagem e/ou uma citação. Quando se observa os trechos dos evangelhos sinóticos que se correspondem, encontra-se toda uma série de passagens que coincide quase que literalmente.¹⁰ Uma teoria existente é a que existiu uma suposta 'fonte Q' que seria um 'livro' apenas com ditos de Jesus, a teoria afirma que Marcos não teve acesso a 'fonte Q', mas que Mateus e Lucas tiveram acesso para escrever seus respectivos evangelhos, além do evangelho já escrito (Marcos), daí uma explicação coerente para a semelhança entre os três evangelhos.¹¹

Cullmann apresenta também outras hipóteses para o problema sinótico, como por exemplo: a hipótese da utilização recíproca; a hipótese do evangelho

⁸ DEIFELT, 1992, p. 9

⁹ PENNA, Romano. *A formação do Novo Testamento em suas três dimensões*. São Paulo, SP: Loyola, 2014. p. 69

¹⁰ PENNA, 2014, p.74-76

¹¹ PENNA, 2014, p. 74-76

primitivo; a hipótese das diegeses ou, dos fragmentos; e a hipótese da tradição oral, além da hipótese das duas fontes, apresentada anteriormente.¹²

Quadro 1: Tabela comparativa.

MARCOS 3. 31-35 ¹³	MATEUS 12. 46-50 ¹⁴	LUCAS 8. 19-21 ¹⁵
<p>31. E vieram a sua mãe e os seus irmãos e, tendo ficado de fora, enviaram-lhe, chamando-o.</p> <p>32. E muito povo estava assentado em torno dele, e lhe disseram: Eis que a tua mãe e os teus irmãos [e as tuas irmãs] lá fora te procuram.</p> <p>33. E respondendo-lhes, diz: Quem é a minha mãe [e os meus irmãos]?</p> <p>34. E tendo olhado ao redor para os que se assentavam em torno dele, disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos</p> <p>35. Pois quem fizer a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã e mãe.</p>	<p>46. Ainda ele falava às multidões veio a mãe e os irmãos dele estavam fora procurando ele para falar.</p> <p>47. E alguém disse a ele: Eis a tua mãe e os teus irmãos fora estão procurando falar a ti.</p> <p>48. E respondeu dizendo ao que lhe falou: Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?</p> <p>49. E estendendo a mão para os discípulos ele disse: Eis a minha mãe e os meus irmãos.</p> <p>50. Pois quem quer que fizer a vontade do meu Pai nos céus (celeste) é este meu irmão, minha irmã e minha mãe.</p>	<p>19. E vieram a ele a mãe os irmãos dele e não podiam encontrar com ele por causa da multidão.</p> <p>20. E foi anunciado a ele: A tua mãe e os teus irmãos estão lá fora querendo te ver.</p> <p>21. E ele respondeu dizendo a eles: Minha mãe e meus irmãos são estes que a palavra de Deus ouvem e praticam.</p>

Fonte: Autoral

A perícopes da família de Jesus está presente nos três evangelhos sinóticos em diferentes disposições. Em Marcos, a narrativa está depois de algumas curas à beira-mar (3.10-12), a escolha dos nomes dos doze apóstolos (3.13-19) e antes do texto sobre as blasfêmias dos escribas que, nessa

¹² CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*; tradução de Bertoldo Weber. 7ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 17-18

¹³ Tradução feita por Carolina Bezerra de Souza em sua tese de Doutorado.

¹⁴ Tradução autoral.

¹⁵ Tradução autoral.

tradição, é uma passagem intercalada que complementa a narrativa marcana (3.20-30) e, após o texto tem uma série de pelo menos cinco parábolas (4.1-32). Em Mateus, os textos anteriores são o sinal de Jonas (12.38-42) e a estratégia do Satanás (12.43-45) e os textos seguintes são, também, uma série de parábolas (13.1-50). E em Lucas, as parábolas estão antes do texto da família de Jesus (8.1-18) e os textos seguintes são os episódios em que Jesus acalma a tempestade (8.22-25) e a cura do endemoninhado geraseno (8.26-34). Deste modo, podemos perceber que tanto Mateus quanto Lucas não inserem em seus escritos a narrativa que complementa o texto marcado sobre as acusações dos escribas.

A cena se passa em uma casa.¹⁶ Conforme Marcos, em algum lugar perto do mar (Mc3.7a).

Esta presença acentuada da casa é bastante significativa, pois em diversos momentos ela é o lugar do encontro de Jesus e os discípulos, lugar onde acontecem o ensinamento e aprendizagem, em outras palavras, a casa/comunidade dos discípulos de Jesus, destacando a sua dimensão eclesial e comunitária.¹⁷

Em todas as tradições, fala-se sobre a grande quantidade de pessoas que estavam naquele ambiente, verdadeiras multidões (Mc 3.20a, Mt 12.46a, Lc 8.19b) estavam na casa para ouvir o que Jesus tinha para falar. Na narrativa de Marcos, comenta-se que a multidão era tanta que o impediam de se alimentar (3.20b).

Algumas semelhanças são notadas no início da perícopa entre os três evangelhos: “a presença da multidão, a menção da mãe e dos irmãos de Jesus, a constatação de que a mãe e os irmãos de Jesus estão fora da casa e os três não mencionam o nome de Maria”¹⁸. Um fato que chama atenção é que, quando as pessoas vão informar Jesus sobre a presença de sua família, na

¹⁶ Nos evangelhos sinóticos a casa (junto com o caminho) possui um caráter paradigmático nos escritos simbolizando sempre um lugar de comunhão, libertação e ensino. Sobre isso, ver RICHARD, Pablo. *O Evangelho de Lucas: estrutura e chaves para uma interpretação global do evangelho*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, n. 44 , p. 7-36, 2003.

¹⁷ SCHLAEPFER, Carlos Frederico. *Estar dentro ou fora da família de Jesus: uma opção radical*. Estudos Bíblicos (Vozes), n. 85 , p. 63-79, 2005. p. 63

¹⁸ RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria nos evangelhos sinóticos: uma história que continua sendo escrita*. Revista de Interpretação Latino-Americana, n. 46, p. 35-51, 2003. p. 40

tradição marcana é inserida a colocação ‘e as tuas irmãs’, sobre isto, Reimer¹⁹ afirma que por Marcos ser a fonte mais antiga é possível que ele seja de uma tradição que possui conhecimento sobre os filhos e as filhas de Maria. Ainda sobre as irmãs, Foulkes afirma que “só são mencionadas em Mt 13.56 e Mc 6.3, e sua anonimidade é típica do tratamento literário das mulheres no século I. Talvez o silêncio reflita o fato de que as irmãs nunca fizeram parte da Igreja”.²⁰

A localização da família de Jesus, nessa cena, também é muito surpreendente por que eles não entram na casa, eles permanecem do lado de fora, é possível que eles permaneceram do lado de fora por causa do grande tumulto que a multidão, querendo ou não, causava. Richter Reimer concorda que eles estão do lado de fora por causa da multidão e não por possuir uma postura em relação aos feitos de Jesus.²¹ Para Foulkes, eles ficaram do lado de fora para se diferenciar da multidão porque o procuravam para uma discussão acalorada.²² Já para Schlaepfer “os que estão *fora* da fé, recusam-se a reconhecer em Jesus a presença operante do Reino de Deus”²³, deste modo, a família se recusou a entrar por não reconhecer Jesus como filho de Deus ou por não acreditarem no Reino de Deus que Jesus anunciava.

Nas três tradições, desconhece-se quem anuncia a presença da mãe, irmãos e irmãs de Jesus, podendo ser os discípulos ou não. O que surpreende nessa parte da trama é a rispidez com que Jesus responde em Marcos e Mateus quando faz a pergunta ‘quem é a minha mãe e os meus irmãos?’, pergunta essa que Lucas não inclui em sua narrativa. Richter Reimer afirma que a chegada da família de Jesus não necessariamente quer dizer que eles eram contra a sua atuação ou queriam que ele parasse o seu trabalho ministerial, mas que eles poderiam estar naquele lugar buscando uma relação mais próxima com Jesus.²⁴ Foulkes compreende a resposta brusca de Jesus como uma impaciência, pois Jesus imagina que sua família quer discutir sobre

¹⁹ RICHTER REIMER, 2003. p. 40 (Nota de rodapé n. 8)

²⁰ FOULKES, Ricardo B. *A família de Jesus: Mateus 12,46-50*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americano, Vol./No. 27, p. 56-66, 1997. p. 63

²¹ RICHTER REIMER, 2003, p. 41

²² FOULKES, 1997, p. 60

²³ SCHLAEPFER, 2005, p. 68

²⁴ RICHTER REIMER, 2003, p. 40-41

as finalidades e possíveis perigos de tal ministério.²⁵ Do mesmo modo, Souza afirma que a resposta de Jesus, sem questionar o motivo da visita da família antes, simboliza que ele já imaginava as intenções da família e sabia sua posição frente a sua vocação.²⁶

Após a resposta de Jesus para a pessoa informante, ele anuncia a sua posição a respeito da família. Em Marcos ele dirige o seu testemunho para as pessoas que se assentavam em torno dele (3.34a), em Mateus ele dirige a frase para os discípulos (12.49a) e em Lucas as pessoas receptoras da mensagem não são identificadas pois ele usa a expressão 'a eles' (8.21a) sem mencionar se são os discípulos, as pessoas informantes ou a multidão que o cercava.

Algo que chama muito a atenção é que na resposta de Jesus, em que ele apresenta a sua posição a respeito da família como nova forma comunitária, a tradição lucana omite claramente a existência das irmãs nesse novo projeto e, isso pode ser percebido em Lc 21.50, enquanto Marcos e Mateus informam que a nova família de Jesus é formada por 'meu irmão, minha irmã e mãe' (Mc 3.34b; Mt 12.50b).

A crítica de Jesus não é sobre a família tradicional consanguínea, mas sim sobre a maneira como essas famílias se estabeleciam na sociedade e como elas determinavam o papel, a função e o poder de cada pessoa no andamento familiar por causa de seu gênero ou idade. Sobre esse sistema familiar, Tamez escreve o seguinte:

Com isso não quero insinuar que ele seja contra a família da maneira como ela é entendida tradicionalmente, mas do conceito patriarcal de família. Aqui na cultura romana e também na judaica, as mulheres tem um papel muito marcado pela submissão. Na nossa cultura, a mulher ideal deve ser mãe, ficar em casa e obedecer ao marido, por que ele é a cabeça. A sociedade romana critica muito as mulheres que não desempenham esse papel.²⁷

E, Reimer afirma que:

²⁵ FOULKES, 1997, p. 60

²⁶ SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017. p. 200

²⁷ TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2004. p. 11-12

Jesus rompe com qualquer conceito de família conhecido na época e ainda hoje. Esta ruptura, porém, não objetiva primariamente excluir ou negar a pertença de Jesus à família de sua mãe, irmãs e irmãos! O objetivo é criar uma *heteroropia*, um espaço outro, um contra-espaço, no qual se possa construir relações qualitativamente novas dentro de um espaço geopolítico-religioso marcadamente patriarcal de injustiças e opressões. Estas relações não estarão orientadas pela *patria potestas*, nem por laços genéticos que definem a pertença familiar.²⁸(grifo da autora)

Com a nova proposta de Jesus, as mulheres ganham a oportunidade de fazer parte da comunidade de uma maneira igualitária em que elas possuem o mesmo *status* que os homens – são todos irmãos e todas irmãs – ninguém mais está submetido a ninguém.

Não reduz eclesialmente aos pequenos, mas estende de forma universal a experiência da igreja que descobre os necessitados como família de Jesus. A fraternidade é algo que vem com nossa humanidade; o irmão pode ter uma palha no olho; irmão é alguém que merece nossa saudação, que não merece nosso ódio, atitude condenatória ou de vingança.²⁹

Além das mulheres, ele inclui todas as pessoas oprimidas, que desde o início do trabalho ministerial são o foco de Jesus, mas nessa períclope ele não seleciona – nem só mulheres, nem só pobres, nem só enfermos ou enfermas – ele abrange a boa nova do Reino e dessa família para todas as pessoas.

A partir desse momento, todas as pessoas são consideradas e convidadas a serem partes da família de Jesus, mas, para isso, existe um critério. Essa participação ativa e atuante no Reino de Deus “não se fundamenta tanto no sangue ou na carne, representados na figura da mãe, quanto no projeto de fraternidade que constitui as pessoas por igual em irmãs e irmãos”³⁰. Marcos e Mateus usam o termo ‘fazer a vontade de Deus’, mas Lucas, segundo Richter Reimer, é quem melhor redige esse critério, pois “transcreve isto de forma mais concreta como ouvir e praticar a Palavra de Deus, revelada na Torá e realizada em Jesus de Nazaré”³¹

²⁸ RICHTER REIMER, 2003, p. 41

²⁹ FOULKES, 1997. p. 66

³⁰ VILLAR, Evaristo; PEREIRA, Nancy Cardoso. *Família: as alternativas de Jesus e do Evangelho de Marcos*. São Leopoldo: CEBl, 2015. p. 13-14

³¹ RICHTER REIMER, 2003, p. 41

A nova proposta de Jesus consiste em ouvir a Palavra de Deus e agir de acordo com ela. Este “novo projeto se levanta sobre a sociabilidade e a gratuidade dos bens e das pessoas, aberto à inclusão e à universalidade”³² onde todas as pessoas são consideradas irmãs e irmãos, onde não exista mais necessidade de se ter capital, onde pobres, viúvas, órfãs e órfãos, mulheres e crianças possuem a mesma valorização e dignidade. Jesus “aposta numa forma de articulação social que, invertendo a (des)ordem estabelecida pelas instituições oficiais do império e do templo, inicia por baixo, a partir das vítimas que estas mesmas instituições estão criando”³³.

Tamez afirma que:

Para ele a família era a comunidade na qual tornam-se irmãos todos os que cumprem a vontade de Deus, família grande e igualitária na qual não há domínio de uns sobre outros. Esta era uma característica do movimento de Jesus. Maria também teria que deixar de ser mãe e dona de seu filho e passar a participar da grande família de Jesus, que estava formando uma nova comunidade, com novos valores sociais e culturais.³⁴

Os novos modelos relacionais proposto por Jesus são, antes de tudo, livres de domínio entre as pessoas, conforme podemos perceber a partir da autora.

A mãe de Jesus, conforme é possível ler em Mateus e Lucas (Mt 1.16; Lc 2.7), é Maria. Ela, junto com os irmãos e irmãs de Jesus, formam o primeiro grupo de personagens da perícope. Sabe-se, portanto, que a mãe de Jesus é Maria, além das passagens sobre o anúncio da gravidez, o cântico *Magnificat* e o nascimento de Jesus “os evangelhos mencionam a presença de Maria apenas nas narrativas sobre o menino Jesus discutindo com os mestres em Jerusalém, no milagre de Caná, Maria vindo com os irmãos de Jesus e perguntando por ele e nas palavras de Jesus na cruz”³⁵.

Sobre a família, sabe-se que estava Maria, os irmãos anônimos de Jesus e, em Marcos, as irmãs também anônimas de Jesus. A intenção deles

³² VILLAR; PEREIRA, 2015, p. 14

³³ VILLAR; PEREIRA, 2015, p. 13

³⁴ TAMEZ, 2004, p. 24

³⁵ PERETTI, Clélia; NATEL, Angela. As mulheres da genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.54, n.2, p. 333-349, jul. 2014. p. 346

com Jesus não é clara, em Marcos eles procuram Jesus (3.32), em Mateus eles querem falar com Jesus (12.47) e em Lucas eles querem ver Jesus (8.20).

A perícopre anterior ao texto aqui trabalhado, na tradição marcana, apresenta a motivação da visita da família de Jesus que quando souberam que a multidão estava o privando de se alimentar saíram para o prender, porque diziam que Jesus estava fora de si (Mc 3.20-21). Sobre essa intenção, Tamez compartilha uma hipótese sobre a ida de Maria e seus filhos e filhas até Jesus porque eles estavam muito preocupados com Jesus.

Uma história relata que a família de Jesus pensava que ele estivesse meio louco, fora de si. Ainda, ela devia assustar-se ao ver o filho falando sobre um reino de Deus quando para os romanos somente existia aquele império. Ele tinha uma casa em Nazaré, mas dizia não ter onde recostar a cabeça. Talvez para ela ele devesse voltar para casa e alimentar-se bem. Além disso, ela provavelmente precisava do seu primogênito para responder por ela como era o costume após a morte do marido.³⁶

Outras hipóteses a respeito dos motivos para a visita inesperada da família foram discutidas anteriormente, mas o que se pode imaginar é que Maria estava preocupada e Tamez concorda que a preocupação dela é totalmente compreensível quando afirma que “não sei se Maria entendia isso nos tempos em que Jesus estava vivo, mas compreendo perfeitamente a dor e a angústia da mãe ao ver seu filho exposto diante das autoridades que, desde muito cedo, tentavam prendê-lo e matá-lo”³⁷.

Os outros grupos de personagens são os discípulos – na narrativa mateana – e a multidão, sobre ambos pouco se sabe, mas através da leitura da perícopre anterior de Marcos é possível que a multidão era tanta e o seguiam a tanto tempo que nem o deixavam comer (Mc 3.20).

Conforme as definições de Marguerat e Bouquin, a narração é considerada ‘ulterior’ por que está no passado e a história aparenta ser contada na velocidade semelhante a da realidade³⁸. A narrativa não apresenta

³⁶ TAMEZ, 2004. p. 23

³⁷ TAMEZ, 2004. p. 24

³⁸ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009. 231 p. p. 107-124

nenhuma variação no tempo, mas pode-se imaginar que exista uma pausa já que não é possível informar quanto tempo levou até a pessoa informante encontrar e conseguir falar com Jesus e nem a quanto tempo ele estava ensinando naquela casa.

A partir da comparação entre os elementos mais básicos da narrativa nas três versões da história da família de Jesus, é perceptível que os três textos são muito semelhantes apresentando poucas diferenças significativas para o entendimento e decorrer da narrativa. A presença das irmãs em Marcos é, provavelmente, a diferença mais impactante, pois confirma que quando Mateus e Lucas escreveram seus evangelhos com base em Marcos ambos optaram em não incluí-las, confirmando que a presença de mulheres foi amenizada e excluída das tradições e é ainda pior na cena final de Lucas em que não é citada a presença das irmãs nem no novo modelo relacional apresentado por Jesus.

Além disso, nesse texto, Jesus nos dá a certeza de que, ao escolher viver pela fé e dar testemunho dela, todas as pessoas, mulheres e homens, serão incluídos em uma grande família amorosa. Esta está baseada na igualdade, equidade, fraternidade e justiça e, graças à sua promessa, podemos ter a certeza de que não haverá nenhum tipo de submissão ou opressão.

O resultado dessa comparação confirma o que Richter Reimer escreveu sobre o início da Hermenêutica Feminista no século XIX. Ela afirma que as pesquisas na área da Teologia Bíblica são de suma importância para “averiguar e demonstrar que a Bíblia foi usada para invisibilizar as mulheres enquanto sujeito histórico e legitimar processos de opressão contra estas”³⁹ e, espera-se que, a partir dessa pesquisa, novas interpretações e novas chaves de leitura possam ser formuladas, construídas e desenvolvidas para que a Palavra de Deus – não a que os homens afirmam ser dEle – seja usada com o único propósito de trazer libertação para as pessoas oprimidas, amor para as que possuem relações quebradas, paz para as desesperadas, força para as marginalizadas e conforto para as desamparadas.

³⁹ RICHTER REIMER, 2005. p. 24

REFERÊNCIAS

- CULLMANN, Oscar. *A formação do Novo Testamento*; tradução de Bertoldo Weber. 7ed. rev. São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- DEIFELT, Wanda. Os primeiros passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres editada por Elisabeth Cady Stanton. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 32, n. 1, p. 5-14, 1992.
- FOULKES, Ricardo B. *A família de Jesus: Mateus 12,46-50*. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Vol./No. 27, p. 56-66, 1997.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009. 231 p.
- PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- PENNA, Romano. *A formação do Novo Testamento em suas três dimensões*. São Paulo, SP: Loyola, 2014.
- PERETTI, Clélia; NATEL, Angela. As mulheres da genealogia de Jesus no Evangelho de Mateus. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.54, n.2, p. 333-349, jul. 2014.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Grava-me como selo sobre teu coração: teologia bíblica feminista*. São Paulo, SP: Paulinas, 2005.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Maria nos evangelhos sinóticos: uma história que continua sendo escrita*. *Revista de Interpretação Latino-Americana*, n. 46, p. 35-51, 2003.
- SCHLAEPFER, Carlos Frederico. *Estar dentro ou fora da família de Jesus: uma opção radical*. *Estudos Bíblicos (Vozes)*, n. 85, p. 63-79, 2005.
- SOUZA, Carolina Bezerra de. *Marcos: Evangelho das Mulheres*. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2017. p. 200
- TAMEZ, Elsa. *As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*. São Leopoldo: Sinodal, Quito: CLAI, 2004.
- VILLAR, Evaristo; PEREIRA, Nancy Cardoso. *Família: as alternativas de Jesus e do Evangelho de Marcos*. São Leopoldo: CEBI, 2015.